



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — Carlos Maria Coelho

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhata — Lisboa • Telefone 5339

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A utopia burguesa

Observando-se a vida de todos os governos verifica-se este facto incontestável: um governo para ter alguma duração tem que limitar a sua acção ao expediente das suas secretarias, e não fazer mais nada. Se pretende modificar o que encontra está condenado à queda rápida.

Porque é isto assim? Por esta simplíssima razão: porque baseando-se essa beleza de regime social que para aí está na concorrência e não na solidariedade, criaram-se uma infinidade de classes ou corporações com interesses completamente antagónicos, sucedendo não haver possibilidade de um governo proceder sem que vá ferir os interesses de algumas dessas classes que, em sua defesa, se voltam contra o governo e o deitam a terra. Daí, o ritmo nos quando temos e ouvimos falar na necessidade de reformar a administração pública e na regeneração do país. E ritmo nos por estarmos absolutamente certos de que, dentro da organização social presente, não há reforma nem regeneração possível.

Essa reforma e essa regeneração implicam suspensão de determinadas garantias, cerceamento de determinados privilégios concedidos pela legislação a uma infinidade de agrupamentos, e não há governo que possa resistir à oposição das classes que se sentem feridas nos seus interesses.

Um exemplo: todos os partidos políticos reconhecem que é preciso reduzir o funcionalismo e a força armada. Pois cortamos a cabeça de algum desses partidos, no governo, por capaz de fazer essa redução. Porquê? Porque caiu o governo presidido pelo sr. Barros Queiroz? Porque pretendem mexer nessa malta que vive do jogo da bolsa. E como entre esses jogadores há interesses opostos — os interesses dos alistas e os interesses dos baixistas — os que jogavam na alta, sentindo-se ameaçados, obrigaram o governo a demitir-se.

Nos assistimos à apresentação no parlamento do sr. Barros Queiroz, lemos a sua declaração ministerial, ouvimos-o falar por diversas vezes na Câmara e lemos as suas propostas de finanças, e devemos declarar que o sr. Barros Queiroz deixou-nos a impressão de ser um homem sério, bem intencionado, competente e decidido a fazer administração e não política. Mas precisamente essas qualidades que reconhecemos no sr. Barros Queiroz, fizeram-nos radicar a certeza de que o seu governo seria de pouca duração desde que tentasse pôr em prática as medidas que anunciara. De facto, assim sucedeu. Enquanto falou, expôs e anunciou, viveu; mal tentou praticar, activar, proceder, morreu.

O sr. Barros Queiroz, boa pessoa e sincero, parece não se ter apercebido de que o Estado é o mandatário do Capital, e que, portanto, não podia, como governo, rebelar-se, insurgir-se contra o seu amo e senhor. Sincero e boa pessoa, o sr. Barros Queiroz julgou poder o Estado sobrepor-se ao capitalismo e teve a temeridade de querer derrotar-se com a maior potência do capitalismo: os banqueiros, os homens da finança! Ter-se-ia o sr. Barros Queiroz convencido da sua impotência? Ou continuará a pretender reformar o que não tem reforma possível e regenerar o que é irregenerável?

Os serviços e o livrete

O comité do movimento de protesto contra o regulamento que o governador civil quer impor aos serviços continua a recomendar à classe que não aceite a caderneira vexatória.

O governador civil tem procedido deslealmente para com a classe; deve, portanto, repeli-energicamente os vexames que lhe querem infligir, não aceitando o regulamento nem a caderneira.

Tendo o mesmo governador civil proclamado que a greve transacta era essencialmente política, pela última vez o comité o convida a provar categoricamente tal afirmação.

INTELECTUAIS, LEDE

A NOVELA VERMELHA

UMA EXCELENTE INICIATIVA

A Biblioteca Operária

AU. S. O. de Lisboa pensa na educação do operariado

O que nos disse Jerónimo de Sousa, secretário geral deste organismo

As necessidades da organização operária são inúmeras. Conversando com este, trocando impressões com aquele, nós ouvimos sempre as mesmas queixas, os mesmos lamentos. Uma vez lamentam-se uns de que não sustentem as organizações locais uma grande escola onde se ministre a adultos e crianças uma instrução apropriada; outros queixam-se de que os vários grupos musicais que por aí vivem dispersos não se juntem de forma a constituir uma grande orquestra que mais cabalmente possa educar artisticamente o povo trabalhador; alguns até ambicionam que a U. S. O. abra um balneário onde os trabalhadores encontrem, por preço devidamente módico, o banho revigorante e higiénico.

Não pode, como se sabe, a organização operária realizar duma vez só, tudo que desejarmos que ela realize. Tudo tem que ir a pouco e pouco, mas com segurança.

Ultimamente uma ideia prática, que reputamos de fácil realização, tem preocupado aqueles operários mais conscientes que desejam o aperfeiçoamento do proletariado. Essa ideia, que pairava no ar, foi por nós reconhecida de real vantagem. Se nós, porém, matávamos no caso, deu-se a coincidência de outros, aqui bem perto de nós, premeditarem idéias plenas. Esses outros eram, viemos a saber, os nossos camaradas da União dos Sindicatos Operários. E a ideia era simples, tratava-se da fundação duma Biblioteca Operária, onde os trabalhadores de Lisboa podessem encontrar, todas as noites, um entretenimento para o espírito, que redundasse na sua elevação intelectual.

Com a Biblioteca pretende-se criar um ambiente onde os operários que não sejam analfabetos possam desenvolver as suas faculdades mentais

Visto que os nossos camaradas da União dos Sindicatos Operários pretendiam o que nós pretendíamos, procurámos ontem o secretário geral deste organismo, o camarada Jerónimo de Sousa, para que ele por intermédio da Batalha, comunicasse aos nossos leitores os planos da União.

Mal o avistámos, disparámos-lhe esta pergunta:

— Sempre é verdade pensar a União em fundar uma Biblioteca Operária?

Jerónimo de Sousa não esperava a nossa pergunta, olhou-nos surpreso e disse:

— Como o boato se espalhou com rapidez...

— É verdade, meu caro — disse-me — não são apenas os meus boatos que depressa irradiam. Sabemos mais: não desconhecemos também que a U. S. O. vai hoje reunir para tratar do assunto.

— Assim é — confirmou o secretário geral da U. S. O. — Pensamos muito a sério na fundação duma pequena Biblioteca Operária, que de algum modo possa arrancar à acção deletéria da taberna e do café aqueles operários que, não sendo analfabetos, possam aumentar os seus cabedais científicos, literários e artísticos desde que achem um meio apropriado para desenvolver as suas faculdades.

— Ora, isso é uma excelente ideia — disse-me — e a Batalha encontra-se na disposição de coadjuvar com entusiasmo essa iniciativa.

Como pensa a União pôr o seu projecto em prática. Qual será a atitude do comité da escola e da comissão escolar do S. U. da C. C.?

— Vamos lá a saber — tornámos nós — depois de uma breve pausa. Como pensam pôr o vosso plano em prática?

— Isso resolver-se há esta noite na reunião de delegados.

Compreendemos que o nosso camarada não queria dar qualquer opinião que porventura viesse a ser modificada pelo opinião dos outros delegados, por isso lhe dissemos:

— Pretendemos apenas a tua opinião pessoal.

— Bom, isso é outro caso. Como sabe a organização operária luta com uma falta enorme de acomodações. Mas julgo que o caso se resolverá, pelos menos, temporariamente. Esta noite vamos conferenciar com o comité da casa e com a comissão escolar.

— Para quê?

— Com o primeiro, para lhe comunicarmos o nosso projecto e pedir-lhe a respectiva licença a fim de se proceder à instalação, no velho edifício do Correio, dessa nossa instituição operária.

— Com certeza que devem achar uma ideia excelente — atalhámos.

— Estou convencido disso. E com a segunda, a comissão escolar do Sindicato Único da Construção Civil, que se tem esforçado, como sabes, pela instrução do operariado da sua indústria, para que, durante as férias, que se prolongarão até ao fim de Outubro, a Biblioteca Operária funcione na sua aula.

— E a comissão aceitará o alvitre?

— Estou absolutamente certo de que

PRÓ-RUSSOS FAMINTOS

Um vibrante apêlo

Feito pela Federação Internacional Sindical — aos trabalhadores de todo o mundo —

A Confederação Geral do Trabalho recebeu da Federação Sindical Internacional o seguinte apêlo dirigido ao operariado do mundo inteiro:

Camaradas: — Ante a desgraça que atingiu o povo russo, a Federação Sindical Internacional dirige-vos um solene apêlo. A F. S. I., expressão internacional da força operária, deve realizar, nestas circunstâncias trágicas, a solidariedade dos proletários de todos os países.

Ao apêlo dos operários e camponeses russos, devem os trabalhadores do mundo inteiro ser os primeiros a responder.

Coordenadora natural dos esforços operários através do mundo, a F. S. I. dirige-se a todos os produtores, acima de partidos e de seitas, fora de quaisquer tendências, segura de que todos saberão responder ao seu apêlo.

A F. S. I., conscia da sua missão, não quer deter-se presentemente a discutir as causas políticas das desgraças que caíram sobre a Rússia. Um dever urgente a chama, ela responde com actos. As fórmulas de nada valem para salvar da fome, da peste ou do cólera milhões de seres humanos, para salvar a vida a milhões de crianças.

São actos de solidariedade que a F. S. I. de vós reclama imperiosamente. O dever de cada um está traçado; socialmente, humanamente, cada um deve pela sua parte contribuir para a luta contra as epidemias devastadoras, contra a fome assassina de homens, de mulheres e de crianças.

Nada podem os esforços isolados; os esforços coordenados pela F. S. I. podem muito.

Se perante esta calamidade pública, a classe operária internacional não cumprisse o seu dever e mesmo mais do que o seu dever, mostrar-se-ia indigna da alta missão que a história lhe destina: libertar o trabalho.

A força operária fundamenta-se na moral do auxílio mútuo; nunca houve circunstância que mais exigisse essa solidariedade.

Que nem um operário, que nem uma operária, se furtem ao dever de atenuar os males do povo russo.

É necessário agir e agir rapidamente. Cada dia perdido representa milhões de existências sacrificadas.

A Internacional Sindical, símbolo da fraternidade dos povos, pondo em prática a divisa proletária: «Trabalhadores de todo o mundo, uni-vos!», pede-vos para salvar o proletariado russo do perigo da morte. Trabalhadores do mundo inteiro, não hesitareis, respondei-lhes unanimemente: «Presentes!»

Levai o vosso óbolo, sem tardar, e duma maneira regular, às vossas Organizações Sindicais, as únicas que devem recolher as subscrições e transmiti-las à F. S. I. Elas já se puzeram em campo, permitindo uma acção de socorro eficaz e contínuo e publicando todos os informes relativos a essa acção.

Trabalhadores, ajudai-nos a assegurar com pleno sucesso esta obra de assistência em favor dos nossos irmãos russos.

Apelai para os vossos camaradas de trabalho, sem olhar a divergências políticas ou quaisquer outras, para que ninguém se negue a este dever de humanidade! (A. L. Joubaux, C. Mertens, Edo Fimmen, J. Oudegeest.

Subscrevi para os russos que teem fome

Transporte... 559\$41
Nunes Ferreira, 2430; Judith Ferreira, 1430; Costa, 1430; Laura Sofia, 1430; João Costa, 1430; Raul Duarte, 2400; José Simões, 2400; Rosendo José Viana, 2400; Manuel Fernandes, 1430; Boaventura Figueiro, 1430; Joaquim Francisco Costa Junior, 1430; Aires de Matos, 1400; António Pereira Junior, 2430; Carlos Ferreira Onofre, 630; José José Nogueira, 2430; Joaquim Barros, 2430; José Barros, 1430; Luís Barros, 630; Francisco Barros, 630; Maximiano Loureiro, 2430; Manuel da Silva Campos, 2430; António Lopes, 2430; Agostinho da Costa, 2430; Francisco Estrela, 630; José Diogo Cabrita, 630; Celina Moreira, 630; total 594\$30.

A transportar... 624\$21
LISTA N.º 1 — José Francisco Louro, 10400; Jerónimo de Sousa, 5400; Vitor José da Silva, 2430; Manuel Paulo, 2430; João

não se oporá a uma coisa tão simples.

Como, a comêço, tencionava a U. S. O. de Lisboa obter os livros necessários para o funcionamento da Biblioteca Operária

— Mas, camarada — teimámos ainda, apesar de Jerónimo de Sousa se mostrar apressado — falta o melhor.

— O quê?

— Os livros, onde vão buscar os livros?

— Também não é tão difícil como te parece — respondeu Jerónimo de Sousa.

— Vamos p. dir aos Sindicatos que possuem biblioteca sua e que geralmente é muito pouco frequentada para nos seus livros, a princípio, alguns dos seus livros, que eles registarão para que a devolução tempo lhes sejam restituídos; a livraria da Batalha, bem como a respectiva secção editorial, fornecer-nos não um exemplar das suas edições e dos livros que tem à venda, e assim, juntamente com algumas obras que pouco a pouco a U. S. O. vá adquirindo, formaremos já uma quantidade razoável de volumes.

— Realmente — disse-me — para comêço já é alguma coisa. Podes contar com mais um auxílio.

— De quem?

— Da redacção da Batalha — respondemos. A Batalha possui, como sabes, algumas dezenas de livros que pode emprestar à Biblioteca Operária. A redacção da Batalha pode ainda oferecer-vos as principais revistas e bons jornais estrangeiros que diariamente recebe. Temos lá jornais e revistas, franceses, espanhóis, italianos, brasileiros, ingleses, norte-americanos, argentinos, alemães, africanos, etc. Olha, temos lá uma coisa que muita gente, desde que estalou a Revolução Russa não tornou a ver.

— O que é? — perguntou Jerónimo de Sousa, interessado.

— Jornais escritos em russo...

— E despedimo-nos, fazendo votos, para que tudo se realize o mais depressa possível.

CONVERSAS!

Ontem estiveram de prevenção rigorosa as forças de terra e mar.

Falava-se em revolução e em assaltos aos bancos. Mas não passou de conversa...

IMPREENSA

Reaparece no dia 1 de Setembro o jornal A Defesa, órgão da classe dos serviços, que apresentará um aspecto completamente novo, devido à esmerada colaboração que manterá. O principal intuito de A Defesa é fomentar o levantamento moral da classe.

TRABALHADORES, LEDE

A NOVELA VERMELHA

DE BOM HUMOR

«O dr. sr. Lima Duque, ministro de missionário do Trabalho, como prevenção contra a peste que, em diversas partes do mundo, acaba de manifestar uma crise de recrudescência, fez organizar um serviço permanente de caça intensa de ratos.»

Assim o referiram os jornais, sendo lícito supor que entre as numerosas direcções gerais já existentes venhamos a ter a direcção geral das ratazanas, com o respectivo pessoal, isto é, mais uns tantos funcionários para alívio do tesouro público e compressão de despesas.

Até a polícia vai entrar na dança, sendo, portanto, necessário um comissariado dos morganhos e argançãs, com o respectivo pessoal.

Isto para os ratos de quatro pés.

Para os bipedes roedores do arroz do comissariado dos abastecimentos e dos respectivos armazéns reguladores de preços e as ratazanas de dois pés das respectivas bichas, não consta que o sr. ministro da agricultura tenha tomado qualquer deliberação raticida.

A colação da sábia e higiénica providência do dr. sr. Lima Duque vem o seguinte caso de lobos.

Até algures, e há muitos anos, matilham enormes de lobos famintos devastavam enormemente os rebanhos.

A municipalidade competente resolveu conceder um prémio avultado ao apresentante de cada cabeça de lobo, mas quantos mais lobos se abatiam mais lobos havia na terra e menos gado, vindo a averiguar-se que os criadores de cabras e ovelhas, em vez de criá-las, como faziam antes da concessão do prémio, passaram a criar lobos.

E' provavelmente o que vai suceder cá e lá em relação aos ratos, estando indicado que vale mais criá-los do que matá-los, como até aqui se fazia.

Que grande ratice e que grandes ratos! Criemos ratos, meus senhores, maneira segura de enriquecer bem e depressa.

O rato reproduz-se como os coelhos e não faz despesa.

Junta-se o útil ao agradável, salva-se a saúde pública e, entretanto, a água do Alviela continuará correndo para o Tejo e este para o mar, ao passo que as latrinas e sargentas se entopem e exalam pestilências incriveis que originam bactérias de todas as pestes possíveis e imagináveis, faltando a água para a mais indispensável higiene, a ponto que os taberneiros já encareceram o vinho por não terem água suficiente para baptizá-lo, o que é uma consolidação para os viticultores e vinicultores, sobretudo para os amadores da bela pinga que podem afogar-se em vinho, dora avante, quando pensarem de lhes faltar a água para lavagem da cara e do mais que se não diz mas supõe, como por exemplo a hortaliça e os tomates para a panela.

C. G. T.

Secção das Uniões

Reúnem hoje, pelas 21 horas, os delegados que constituem a Secção das Uniões, afim de se ocuparem da questão do inquilinato.

Secção das Federações

Para se ocupar de questões respeitantes à organização sindical, reúnem amanhã, pelas 21 horas, os delegados da Secção das Federações, devendo igualmente comparecer os delegados dos Sindicatos nacionais e regionais e isolados.

A U. S. O. e a falta de água

Conselho de Delegados

Para continuar na apreciação do relatório da comissão administrativa sobre a falta de água, reúne hoje o Conselho de Delegados pelas 21 horas.

A comissão administrativa convidada a direcções dos sindicatos aderentes a comparecer nesta reunião e a avisar os seus delegados para que também compareçam, pois que uma boa parte de delegados parece esquecer-se da missão para que foram nomeados pelos seus organismos.

A esta reunião, que se realiza na Calçada do Combro, 38-A, 2.º, podem assistir todos aqueles que se interessam por este importante assunto.

As greves na Noruega

Contra o horário de trabalho e a redução de salários

Nos princípios de Maio findo os armadores dos portos da Noruega avisaram o pessoal de que os seus salários seriam em breve reduzidos e aumentadas as horas de trabalho. Três mil marujos e seis mil trabalhadores das docas responderam-lhes logo a 8 de Maio com a declaração da greve, pedindo ao mesmo tempo o auxílio imediato das classes organizadas de todo o país.

Estas, a 26 do mesmo mês, corresponderam a esse apêlo, paralisando todos os serviços em Kristiania, e em muitas outras cidades abandonaram o trabalho os electricistas, os tecelões e diversas classes.

Depois de duas semanas de luta reñida e de combates sagrados com a polícia, dos quais resultaram vários mortos e feridos — foi decidido pelos chefes dirigentes do movimento operário a volta ao trabalho, deixando-se assim a lutarem sózinhos contra o inimigo comum os marfimos e os trabalhadores das docas.

Estes resistiram ainda durante algum tempo, mas também, por sua vez, por ordem dos seus chefes voltaram ao trabalho, submetendo-se assim às condições que antes lhes tinham sido impostas pelo patronato.

Os membros mais conscientes destas classes, revoltados e enojados com a atitude dos chefes do unionismo nacionalista, preparam-se agora para organizarem um sindicato único, seguindo as tácticas revolucionárias.

Alexandre Vieira

Alfredo Marques

Foi entregue na administração da Batalha a importância duma quete tirada na comandita n.º 6 das Obras do Bairro Social do Arco do Cego a favor das camaradas Alexandre Vieira e Alfredo Marques.

Rendeu essa quete a quantia de 12\$05.

Jerónimo Martins

Jerónimo Martins & Filhos, capital cinco mil contos! Isto, que à primeira vista parecerá um réclamo, é simplesmente um insulto a quem consome bacalhau e açúcar.

Jerónimo Martins & Filhos, capital cinco mil contos; taboleta nova pintadinha de fresco! Isto a que jornais burgueses chamarão progresso comercial, damos nós o nome de miséria do povo.

Jerónimo Martins & Filhos, capital cinco mil contos! Agregado de palavras que, para os burgueses paquidos e patriotas, representa sabedoria, persistência e trabalho. Para nós, trabalhadores, aquelas letras negras orgulhosamente estampadas numa taboleta branca, ali, em pleno Chiado, significam: roubo, falsificação de géneros, especulação com a fome alheia.

Jerónimo Martins & Filhos, capital cinco mil contos! Firma comercial que deve vir no Anuário, com réclamo graúdo para espanto das gentes e assombro do estrangeiro, simboliza a tirania máxima do grande contra o pequeno, do rico contra o pobre. Os cinco mil contos de capital que ao «glorioso» nome se juntam são o braço moderno dos que saindo do nada, espoliando este, atraíndo aquele, roubando aquel'outro se guindam às alturas incensuráveis da fortuna, como o sapo que, por milagre, tomasse de súbito azas, saísse da escurdeira natal e subisse mais alto do que o avião do sr. Lelo Portela.

Jerónimo Martins & Filhos deixa de ser um conjunto banal de nomes próprios para se transformar, durante a guerra, em termos que traduzem o voar dos arbutos sobre os corpos exangues dos que caíram na luta sanguinolenta e fratricida.

Jerónimo Martins & Filhos, capital cinco mil contos! Cinco mil contos desse bacalhau pôdre que fez estoirar, pelas vielas escuras da miséria nacional, o povo anónimo ruído de peste e de lepra. Cinco mil contos de açúcar assambarcado que fez gemer as crianças loiras e esfaimadas que outro alimento não tem senão o café agüido e doce e a borra negra de farinha retardada.

Jerónimo Martins & Filhos, o maior ladrão da guerra, a impar de vaidade, desejoso de mostrar ao mundo que enriqueceu, que soube roubar com mestria o carroço, que não temeu agentes de fiscalização, nem ameaças do Estado, nem o povo ululante em noites tenebrosas de revolta — Jerónimo Martins & Filhos quis espantar os famintos, os rotos, os pé-descalço que lhe passam à porta e mandou colocar na taboleta nova, com letras de palmo e meio, a síntese da sua moral de salteador:

Jerónimo Martins & Filhos, capital cinco mil contos!

Mário DOMINGUES

O julgamento de Malatesta, Borghi e Quaglim

O último dia de audiência. — Malatesta e os restantes réus absolvidos e postos em liberdade

O presidente, depois de ter lido alguns esclarecimentos a propósito dos quesitos, deu a palavra ao delegado de acusação, De Sanctis. Este iniciou o seu discurso declarando que ia ser mais um frio expositor do que um acusador.

Traçou a figura idealista de Malatesta, o qual não mudará os seus ideais aos setenta anos.

Atendendo aos factos que originaram o processo de hoje — disse ele — nós não devemos ter preconceitos ideológicos.

«Deve-se ver simplesmente se se ultrapassou o limite pôsto pela lei à liberdade de imprensa e de pensamento.

«Malatesta, chegado à Itália, encontrou o país em convulsões de carácter revolucionário. O governo não existia, deixava fazer.

«A revolução estava ao alcance da mão, e era natural que Malatesta indicasse o melhor modo de se aproveitar a situação favorável.

Aquele jornalista de Verona, que depois sobre o comício realizado por Malatesta na Arena, não se admirou das suas palavras, mas sim que o governo permitisse que se dissessem tais coisas.

«Em resumo disse aquele jornalista que Malatesta ensinava um método rápido de fazer a revolução, mas o seu sonho falhou.

E é este Malatesta que faz tanto medo.

«Se tivesse de falar da doutrina anarquista, dir-vos-ia que não a conheço. Não tenho tempo, nem modo de estudá-la. Mas de qualquer modo são doutrinas idealistas, e por isso nobilíssimas e dignas de estima; mas os actos dos homens não são apreciados pelo fim com que foram executados, mas pelos meios que se serviram.

«Diversos são as formas de interpretar discursos e opiniões. Não se pode, pois, tornar responsáveis os oradores, pelo que os ouvintes depois fazem.

«Os sábios têm um momento de loucura não são senão estúpidos seres egoístas, e sem certas ouzadas a humanidade não teria dado um passo para a frente.

«Porisso são necessários estes homens de grande audácia; esses implem-nos para aquele ideal que se afasta de nós a grandes passos.»

Uma pedra sepulcral seja posta sobre este processo!

Entrando no exame da propaganda de Malatesta, De Sanctis negou que ele tivesse já mais pregado o ódio entre as classes. Ele também tem a sua lei humana: a lei do amor e do dever, superior a todas as outras leis escritas e codificadas. Esta lei é comum a todos os homens. A propaganda de Malatesta era propaganda teórica, e não incitamento à insurreição imediata.

«Deves, p. is, — ó jurados — pôr uma pedra sepulcral sobre todo este processo.»

A defesa

Depois dum breve intervalo o advogado Costa de Deas pronunciou algumas palavras, dizendo que em vista da acusação benevolente de De Sanctis pouco teriam que dizer os defensores.

«Vós, jurados, respondei a todos os quesitos com um não. Não! porque este homem, que vos tinha sido pintado com as mais fôcas cores, vos apa-

rece na sua verdadeira luz de apóstolo. Ele, que fez sua a máxima cristã «Vita est militia homini super terram», prometeu-vos que, saído daqui, levará as suas palavras de paz entre os partidos em guerra; e a sua promessa será bem cumprida, ele, que tanta autoridade exerce sobre as multidões. E é porisso, senhores jurados, que vós o absolvereis!»

Xavier Merlino, também advogado de defesa, demonstrou com numerosos e precisos argumentos jurídicos e morais a absoluta falta de precisão e de fundamento da acusação feita contra Malatesta.

A última auto-defesa de Malatesta e Borghi

Antes dos jurados se retirarem, Malatesta pediu para acrescentar mais algumas palavras. Disse com voz vibrante, que a melhor propaganda era a dos processos semelhantes aqueles. Todavia não queria daqueles... serviços.

«Finalmente, disse ele, eu não vou no interesse da Itália, daquela Itália que caluniosamente nos acusa de odiar.

«Este nosso pobre país, também o amamos bastante nós, os internacionalistas, e sofremos por o ver atorment

